Do trauma inquietante aos inícios de pedra

Alessandra Affortunati Martins[1]

> [...] *é honra o suficiente para o povo judeu ter mantido viva semelhante tradição e ter produzido homens que lhe emprestaram a sua voz, mesmo que o estímulo tenha vindo primeiro de fora, de um grande estrangeiro.*
> (Freud, *Moisés e o monoteísmo*)

Como Robert K. Beshara (2021), em *Freud and Said: contrapuntal psychoanalysis as liberation praxis*, recupero, antes de qualquer outra obra de Edward Said, *Beginnings: intention and method*, publicada em 1975, ainda sem tradução para o português e ofuscada pelo grande impacto de *Orientalismo*, lançada em 1978 nos Estados Unidos e em 1990 no Brasil.

Edward Said redigiu *Beginnings* entre 1967 e 1973. A obra recebeu dois prefácios assinados pelo próprio autor. Escrito em 1984, o segundo trata criticamente da leitura feita por J. Hillis Miller, que designou "crítica inquietante"[2] (Miller *apud* Said, 1985, p. xi, tradução nossa) o gênero de Said que ali se desenhou. Com a expressão usada por Miller, Said deduziu que ele se referia a seu estilo crítico como algo pouco baseado nas tradições ou convenções históricas. Todavia, ao recuperar a definição de Miller, para quem a "crítica inquietante" seguiria a "tentativa labiríntica de escapar da lógica das palavras"[3] (Said, 1985, p. xi, tradução nossa), Said defende a ideia de isolar os inícios como objeto de estudo para tratá-los de maneira racional; o interesse não reside, portanto, nas "falhas lógicas e, por extensão, [nos] absurdos ahistóricos"[4] (Said, 1985, p. xi, tradução nossa). Os inícios são antes uma tentativa de "descrever o imenso esforço que a retrospectiva histórica emprega ao se propor a circunscrever as coisas desde o início, *na história*"[5] (Said, 1985, p. xii, tradução nossa).

O trajeto inquietante da crítica conduziria "a regiões alógicas, absurdas... onde [se] resiste à inteligência quase com sucesso"[6] (Miller *apud* Said, 1985, p. xi, tradução nossa); ou seja, Edward Said nota que a expressão "crítica inquietante", com a qual Miller buscava definir o modelo por ele proposto em *Beginnings*, visava indicar uma espécie de

[1] Psicanalista, filósofa e escritora. Doutora em Psicologia Social e do Trabalho (IP-USP). Realizou pós-doutorado no Departamento de Filosofia da FFLCH-USP (Fapesp). Foi Honorary Researcher na Birkbeck, University of London, e Gastwissenschaftlerin no ZfL-Berlin (Zentrum für Literatur-und Kulturforschung). Atualmente, é pesquisadora responsável, com bolsa JP-Fapesp, na Cátedra Edward Saïd e no Departamento de Filosofia da EFLCH-Unifesp. É colunista da *Revista Cult*, autora de vários artigos na interface entre estética, psicanálise, filosofia e feminismo, e dos livros *Breve história da carne* (Iluminuras, 2024), *Discursos da vulva* (Cult Editora, 2026), *Teoria estética na obra freudiana* (Blucher, 2026), entre outros. E-mail: aaffortunatimartins@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7740-2284.

[2] No original: "*Uncanny criticism*".

[3] No original: "*A labyrinthine attempt to escape from the logic of words*".

[4] No original: "*Logical failures and, by extension, ahistorical absurditie*".

[5] No original: "*Describe the immense effort that goes into historical retrospection as it set out to describe things from the beginning, in history*".

[6] No original: "*Into regions which are alogical, absurd... where it resists the intelligence almost successfully*".

instante temporal em que a vacilação da lógica seria propícia à "penetração mais profunda na natureza real da linguagem literária, ou da linguagem como tal"[7] (Rock *apud* Said, 1985, p. xi, tradução nossa). Não obstante, ao que tudo indica, Edward Said escreve o seu segundo prefácio justamente contra essa interpretação:

> Como descrição de uma abordagem crítica relativamente nova — particularmente em sua ênfase, corretamente colocada, na importância da atenção rigorosa à retórica e à linguagem —, esta, creio eu, é uma formulação programática importante. Não caracteriza, contudo, adequadamente o que eu estava tentando fazer em *Beginnings*, pelo menos não na associação entre a crítica inquietante e uma certa irracionalidade fútil ou impotente (cuja presença passou a ser representada por palavras como 'abismo' ou 'aporia'). Pois, ao isolar os começos como objeto de estudo, toda a minha tentativa foi precisamente estabelecer um começo como racional e capacitador, e longe de estar principalmente interessado em falhas lógicas e, por extensão, absurdos ahistóricos, eu estava tentando descrever o imenso esforço que a retrospectiva histórica emprega ao se propor a descrever as coisas desde o início, na história.[8] (Said, 1985, p. xi, tradução nossa)

Seja como for, *Beginnings* já apresenta a profunda articulação entre o pensamento de Said e o de Freud. Esses inícios, comuns à psicanálise freudiana e às reflexões de Said, prefiguram o que seria apresentado pelo intelectual palestino em *Freud e os não-europeus*, texto inspirador deste Dossiê dedicado às reflexões atuais que dele possam ressoar. Vale lembrar que esse ensaio seminal é a publicação da conferência proferida por Edward Said no Museu Freud em Londres, após ter sido desconvidado pelo Museu Freud em Viena por ter lançado uma pedra em uma torre de guarda das Forças de Ocupação Israelense, conjuntura que situa três aspectos relevantes sobre Said: o gesto político efetivo que lhe era peculiar, seu envolvimento profundo com a obra de Freud e a erudição mundialmente reconhecida.

Há, porém, um elemento intrigante em *Beginnings* que desperta curiosidade em relação especificamente às afinidades e aproximações de Said com a obra de Freud: se a crítica inquietante (*uncanny criticism*) remete ao conceito freudiano definido no ensaio *Das Unheimliche* (Freud, 1919) e se Said se vê alinhado a Freud, por que tamanho ardor em defesa de uma outra linhagem crítica, avessa à leitura pela chave do inquietante, tal como proposta por Miller?

Inclino-me a afirmar que se deva levar a sério o receio do pensador palestino; ele parece não aceitar que seu método seja confundido com perturbações desestabilizadoras próprias à compulsão à repetição de traumas ou choques — não se deve esquecer que *Das Unheimliche* foi escrito logo após a Primeira Guerra Mundial. O

[7] No original: "*Deepest penetration into the actual nature of literary language, or of language as such*".
[8] No original: "*As description of a relatively new critical departure—particularly in its correctly placed emphasis on the importance of rigorous attention to rhetoric and language—this, I think, is an important programmatic formulation. It does not, however, adequately characterize what I was trying to do in Beginnings, at least not in the association between uncanny criticism and a certain futile or impotent irrationality (whose presence has come to be represented by such words as "the abyss" or "aporia"). For in isolating beginnings as a subject of study my whole attempt was precisely to set a beginning off as rational and enabling, and far from being principally interested in logical failures and, by extension, ahistorical absurdities, I was trying to describe the immense effort that goes into historical retrospection as it set out to describe things from the beginning, in history*".

choque ou trauma invade estranhamente o que é íntimo e familiar, ressuscitando dores e reativando marcas indecifráveis de devastação psíquica.

Talvez o local em que se situam os inícios ainda não seja exatamente o do *uncanny*/*unheimlich*/inquietante; talvez as reflexões críticas de Said, alinhadas à psicanálise de Freud, já estabeleçam uma ligação com a categoria de estrangeiro (*Fremd*), tal como apresentada por Freud em *Moisés e o monoteísmo* (2018). Diferentemente da experiência de desrealização e despersonalização, promovidas pelo trauma ou pelo choque, a experiência com o estrangeiro implica ter sonhado outro mundo e ter efetivamente avançado ao menos alguns passos em direção a ele. Cada um dos pés que segue para o não lugar sonhado, pisa em territórios sólidos, embora com bastante frequência esses se apresentem de maneira inóspita; o estrangeiro sonhador encontra muitas pedras em seus caminhos.

Vê-se que a consistência daquilo que cerca o estrangeiro já está na obra freudiana *A interpretação dos sonhos*, paradigma de Said ao tratar dos inícios. Diferentemente do choque ou trauma que emerge do Real, os sonhos promovem séries sucessivas de deslocamentos e condensações que alinhavam conteúdos apagados de memória a imagens recentes em uma trama que exige o enredamento das palavras pela estrutura gramatical no relato do sonho endereçado ao analista.

Nas palavras de Said, "o texto como um todo retém uma função inicial particular" que implica "o *local físico* onde os pensamentos oníricos são criados verbalmente para fins de análise"[9] (Said, 1985, p. 179, grifo e tradução nossos). Eis que a ideia de local físico emerge para tratar os inícios, que não são "apenas um tipo de ação"[10], mas "um tipo de trabalho, uma atitude, uma consciência"[11] (Said, 1985, p. xv, tradução nossa). O início "é pragmático [...] e é teórico"[12], "algo que se faz"[13] e "algo sobre o qual se pensa"[14] (Said, 1985, p. xv, tradução nossa). Em suma: "iniciar é uma *praxis*"[15] ou "o primeiro passo na produção intencional de significado"[16] (Said, 1985, p. 5, tradução nossa), como o de Freud ao dar início aos seus projetos psicanalíticos pela interpretação dos sonhos.

É possível que tenha sido Jacqueline Rose, no debate com Said sobre *Freud e os não-europeus*, a expressar mais claramente a resistência do intelectual palestino à crítica inquietante (*uncanny criticism*), chave de Miller para a leitura da intenção metodológica de Said:

> [...] o trauma, longe de gerar liberdade, abertura em relação ao outro bem como aos fragmentos divididos e mal resolvidos do eu, leva a uma fragmentação de um tipo bem diferente — de um tipo que é, nas próprias palavras de Freud, 'devastador', que provoca o fechamento das identidades, faz com que caminhem no sentido contrário: em direção ao dogma, aos perigos das formas coercivas e coercíveis da fé. Corremos o risco de idealizar as falhas e fissuras da identidade? Fragmentação pode

[9] No original: "*The text as a whole retains a particular beginning function. As the physical location where dream-thoughts are verbally created for the purposes of analysis*".
[10] No original: "*Is not only a kind of action*".
[11] No original: "*A kind of work, an attitude, a consciousness*".
[12] No original: "*It is pragmatic* [...] *And it is theoretical*".
[13] No original: "*Something one does*".
[14] No original: "*Something one thinks about*".
[15] No original: "*Beginning is a práxis*".
[16] No original: "*The first step in the intentional production of meaning*".

> engendrar *petrificação*, assim como a alienação histórica pode ter como consequência que um povo, longe de dispersar-se, comece a vasculhar as profundezas em busca de uma história que legitime a violência do Estado. Escreve Freud sobre o retorno do reprimido: 'Vale especialmente reforçar o fato de que cada porção que retorna da alienação se afirma com força peculiar, exerce uma influência incomparavelmente poderosa nas pessoas das massas e levanta uma irresistível reivindicação da verdade contra a qual objeções lógicas permanecem impotentes. [...] Essa característica impressionante só pode ser compreendida segundo o modelo do delírio dos psicóticos'. (Rose, 2004, p. 103, grifo meu)

Diante da cena traumática que retorna, o estado psíquico frequentemente é o da petrificação, como bem disse Jacqueline Rose. É verdade que o trauma e o choque eventualmente podem conduzir à abertura para o desdobramento elaborativo e para a tessitura da linguagem, escapando à circularidade compulsiva da repetição. Entretanto, o trauma remonta invariavelmente ao passado e ao que dele remanesce como dor de uma ferida aberta, nunca cicatrizável. Não seria o caso, por conseguinte, de escavar raízes do trauma e encerrá-lo em uma origem ilusória. O ponto originário não existe. Trata-se de uma suposição enganosa que opera por cadeia causal "divina, mítica e privilegiada"[17] (Said, 1985, p. xiii, tradução nossa). Assim como o umbigo do sonho não é alcançado pela figurabilidade onírica, a origem de um trauma não é detectável por um ponto fulcral malévolo. Os inícios são confeccionados, mediados e incessantemente reexaminados pela linguagem. Talvez, por isso, ao pensar sobre o papel do intelectual, Said tenha escrito:

> Longe de encorajar um sentimento de inocência original ressentida em países que tinham sofrido as devastações do colonialismo, afirmei repetidamente que tais abstrações míticas eram mentiras, assim como os vários discursos retóricos de culpabilização a que deram origem. As culturas estão entrelaçadas demais, seus conteúdos e histórias demasiadamente interdependentes e híbridos para que se faça uma separação cirúrgica em oposições vastas e sobretudo ideológicas como Oriente e Ocidente. (Said, 2005, p. 11)

Said é um dos precursores dos modelos críticos interseccionais que articulam e situam análises também pelos marcadores de classe, raça e gênero, enfatizando a inter-relação "entre a universalidade e o local, o subjetivo, o aqui e agora" (Said, 2005, p. 12), além de "tendências como a crítica à dominação, o reexame da história suprimida (feminina, não branca, não europeia, etc.), o interesse interdisciplinar pela textualidade, a noção de contra-memória e arquivo, a análise de tradições (ou, na expressão de Eric Hobsbawm, o estudo de tradições inventadas), profissões, disciplinas e corporações"[18] (Said, 1985, p. xiii, tradução nossa).

É possível que Said pense a crítica como uma incessante retomada de fôlego, um persistente e constante começo e recomeço como matéria, "cuja força não é a de gerar autoridade nem promover a ortodoxia, mas sim a de estimular uma atividade

[17] No original: "*Divine, mythical and privileged*".
[18] No original: "*The critique of domination, the re-examination of suppressed history (feminine, non-white, non-European, etc.), the cross-disciplinary interest in textuality, the notion of counter-memory and archive, the analysis of traditions (or, in Eric Hobsbawm's phrase, the study of invented traditions), professions, disciplines, and corporations*".

autoconsciente e situada, uma atividade com objetivos não coercitivos e comunitários"[19] (Said, 1985, p. xv, tradução nossa). É interessante notar o procedimento crítico que Said dedica a Freud: *A interpretação dos sonhos* é um modelo exemplar de inícios, mas a última obra freudiana, *Moisés e o monoteísmo*, ensaio derradeiro e vital do psicanalista, não deixa de ser outro começo — um passo fundamental para a crítica pós-colonialista no interior da própria esfera de elaboração da psicanálise freudiana. Quando elege os inícios como tema e justifica sua escolha, Said recorre a uma citação de Erikson sobre o *Moisés* de Freud:

> Com um orgulho sombrio, ele [Freud] escolheu o papel de quem abre perspectivas sobre campos férteis a serem cultivados por outros. Ao olharmos para os primórdios de sua obra e para suas implicações, podemos ousar dizer: Freud, o médico, ao encontrar um método de cura para si mesmo na própria prática da cura emocional, forneceu uma nova justificativa psicológica para as leis humanas. Ele deu o passo decisivo rumo a uma verdadeira interpenetração do psicológico com o tecnológico e o político na ordem humana.[20] (Said, 1985, p. 34)

Desempenhar o papel de abrir perspectivas em campos férteis nos quais outros poderiam entrar é uma das formas de início a que Freud se dedicou. *A interpretação dos sonhos*, que mostra os primórdios de uma obra, também indica inícios de uma elaboração psíquica pessoal e social de Freud que, por sua vez, redundou em inícios de novas leis psicológicas universais destrinchadas teoricamente para a cultura. Escavar as leis psicológicas sobre novos inícios conduziu a prismas inéditos de análise metodológico-clínica e inícios construtivos de ferramentas psicanalíticas para uma crítica também sociopolítica.

O estrangeiro depois da fronteira

> *O que permite retomar a atualidade do texto freudiano é algo central em sua teoria, qual seja, a crítica da concepção de identidade e a sua superação por um discurso diferencial sobre identificação.*
> (Joel Birman, "Freud e a política, entre judaísmo e judeidade")

Como se pode notar, os inícios da psicanálise foram diversos, múltiplos e imensamente férteis. Todavia, o discurso freudiano se manteve não apenas cego, mas também parcialmente aderido às questões imperialistas e ao caráter colonizador da modernidade europeia. Embora tenha escrito criticamente a respeito das guerras imperialistas e tenha vislumbrado a intensidade de seus efeitos na Europa, Freud não alcançou as dinâmicas psíquicas oriundas dos processos modernos de racialização que ideologicamente justificaram a escravização, a expropriação, a espoliação e a

[19] No original: "*Whose force is neither to give rise to authority nor to promote orthodoxy but to stimulate self-conscious and situated activity, activity with aims non-coercive and communal*".
[20] No original: "*With grim pride he had chosen the role of one who opens perspectives on fertile fields to be cultivated by others. As we look back to the beginnings of his work, and forward to its implications, we may well venture to say: Freud the physician in finding a method of healing himself in the very practice of emotional cure has given a new, a psychological rationale for man's laws. He has made the decisive step toward a true interpenetration of the psychological with the technological and the political in the human order*".

dominação de países da Ásia, da África e das Américas pela Europa. Essas análises só emergiram de maneira decisiva com os escritos psicanalíticos de Frantz Fanon e, pouco mais tarde, de Lélia Gonzalez.

Seja como for, Freud atravessou a fronteira das sombras e buscou trazê-las à articulação discursiva — seus inícios. Se a civilização ou a cultura apresenta facetas tenebrosas e se Freud pode identificar parte significativa delas, jamais se rendeu à facilidade ilusória de descartar como um todo a cultura/civilização. Ainda que não nutrisse esperança sobre a superação definitiva dos impasses civilizatórios, seus movimentos sempre indicaram diligência em reduzir ou dissolver os danos promovidos pelo lado lúgubre da humanidade — inclusive o seu próprio. A antítese civilização e barbárie, porém, hoje precisa ser mais bem situada, como expressa de maneira concisa Joel Birman no prefácio de *Freud e os não-europeus*:

> Não obstante a presença da ideia de barbárie na Antiguidade, identificada com a noção de estrangeiro, isto é, daquilo que existia fora das fronteiras da cidade e do império, não resta dúvida de que o conceito de barbárie é essencialmente moderno. Esse foi constituído na viragem do século XVIII para o século XX, no Ocidente, quando se passou a pesquisar as sociedades arcaicas em oposição à moderna. Com efeito, a barbárie, assim como a primitividade, seria tudo aquilo que não atingiu os limiares de racionalidade e o controle correlato da afetividade que estariam presentes na modernidade. Além disso, a oposição conceitual entre barbárie e civilização era o que legitimava o projeto colonialista, segundo o qual as nações europeias procuravam dominar as nações e continentes periféricos. Com isso, as figuras da criança, da loucura e da feminilidade materializariam as marcas do arcaico no contexto sociopolítico da modernidade, devendo então ser recalcadas. Representam, pois, aquilo que deveria ser excluído do projeto e do *ethos* modernos, devendo ser transformados para se adaptarem à matriz dominante de civilidade. Entretanto, o que foi excluído quer sempre retornar e se atualiza na subjetividade como mal-estar. (Birman, 2004, p. 25)

O que se vê, então, é que os limites civilizatórios não apenas pertenciam à arquitetura subjetiva e fantasmática, mas também se referiam a uma topografia geopolítica opressora. Nela, a alucinação negativa não só apaga o Outro enquanto um igual, como também usa a violência que busca efetivamente eliminar sua existência em nome da preservação de um narcisismo intacto que se circunscreve atado ao gênero homem, à raça branca e aos valores europeus supostamente civilizados; o preço da manutenção de tal ilusão narcísica é o desabamento do mundo pelas mãos de opressores ególatras.

Edward Said se tornou um intelectual atacado por sempre ter se posicionado abertamente, mas sobretudo por ter trabalhado de maneira extremamente fina e erudita contra a brutalidade genocida de palestinos. Como salienta Stephen Sheehi, em *Teoria como pedra* (2024), o intelectual palestino que apalpou a consistência das pedras e as lançou contra uma torre de vigia na fronteira entre Líbano e Israel, em 2000, devolveu a violência a que ele e todos os palestinos foram — e continuam sendo — submetidos:

> Ao pegar uma pedra, uma pedra da terra (*al-ard*), Said se revelou como sendo daquela terra. Ele não está mais 'fora de lugar', mas é do lugar. A pedra revelou que

> ele era natural daquela terra. Ele segurava aquela pedra, aquele solo. Ela o segurou. A imagem nos mostra que a pedra era indistinguível dele e indistinguível da mundanidade de sua teoria. A pedra mostrava que ele era palestino; Edward Said — pedra na mão — revelou, para horror dos austríacos, israelenses e seus cúmplices imperialistas liberais, que ele era daquela terra e de sua teoria. (Sheehi, 2024)

Said sublinha como a recepção de sua obra e de sua posição pública vinha sendo mal interpretada. Sem razão, os críticos incomodados argumentavam que ele atacava e desqualificava retrospectivamente grandes pensadores pelo fato de se apresentarem de maneira politicamente equivocada em relação às questões contemporâneas. Sobre tal interpretação, o intelectual palestino afirma com todas as letras:

> [...] essa é uma noção estúpida que, devo dizer categoricamente, não corresponde a nada do que eu tenha escrito ou dito. Pelo contrário, estou sempre tentando entender figuras do passado que admiro, inclusive apontando em que medida estiveram inseridas nas perspectivas de seu próprio momento cultural, no que diz respeito às suas visões de outras culturas e de outros povos. (Said, 2004, p. 54)

Para Said, seria imperativo ler a tradição ocidental como intrinsecamente válida para leitores não europeus ou não ocidentais. Avesso tanto à postura de quem se proclama feliz em descartar completamente a tradição quanto à de quem a adota de maneira aderente, como se ela transcendesse as circunstâncias históricas que a situam, Said dedica-se ao vasto repertório da tradição cultural com os pés fincados no chão do agora e as mãos agarradas às pedras das situações do presente. Esquadrinhando a materialidade histórica e social dos contextos nos quais obras da cultura surgiram, ele busca os fios concretos dos inícios, sem saltar magicamente para uma crítica que elimina a suposta origem demoníaca mítica de todo o Mal.

É possível que o mais claro exemplo do procedimento crítico de Said possa ser vislumbrado em sua análise das obras de Conrad. Longe de pendurar a etiqueta "racista" no escritor e lançá-lo imediatamente ao lixo, Said observa o retrato literário do Congo, no período de Leopoldo, ao final do século XIX, como antecipação das consequências dramáticas da história congolesa e como referência central para a escrita literária africana, cujos autores recuperaram o tópico da viagem de Conrad como modo de apresentar dinâmicas pós-coloniais deliberadamente antitéticas ao modelo proposto pelo escritor britânico-polonês.

O Outro da psicanálise freudiana

Torna-se notável, pelo que busquei indicar, a profunda absorção da obra freudiana por Said, que nela reconhece a ampla erudição e o "extraordinário trabalho de Freud" (Said, 2004, p. 45). Por outro lado, Said situa Freud. Observa que seus conhecimentos para "além dos confins da Europa" (Said, 2004, p. 45) não eram tão extensos, tendo sido formado pela tradição judaico-cristã, humanista e científica cujo selo estampava muito nitidamente a marca "ocidental". Situar Freud significa reconhecer esse limite e compreendê-lo como pertencente a certo contexto no qual pouco se

examinava o papel da Europa em relação ao que, no jargão pós-colonialista, denominou-se o Outro. Certamente, Freud tinha conhecimento de civilizações diversas da Antiguidade, sem se iludir inteiramente com a origem unívoca do berço de ouro classicista. Suas elaborações psicanalíticas estão atravessadas por uma determinada ideia de Outro. Entretanto, ao tratá-lo, como já apontei, não se arriscou a colocá-lo fora das bordas do que poderia ser identificável pelo repertório ocidental, oriundo das formas greco-romanas e do tronco judaico-cristão.

Pensar hoje a psicanálise implica também inscrevê-la em uma geografia de poderes marcados por estruturas de classe, raça e gênero, bem como em uma topografia de filiações e afiliações que se entrelaça com a história, a política e a condição do exílio. É com essa compreensão que situo minha pesquisa no âmbito da Cátedra Edward Saïd, espaço institucional dedicado a manter vivo o pensamento e a posição do intelectual palestino. Como em sua vida de exílio, atravessando fronteiras e transfigurando as dores em beleza erudita firme para a luta contra desigualdades e injustiças do mundo, Said jamais se deixou confinar pelas barreiras disciplinares e pelas paredes enclausuradas da academia. Foi precisamente essa abertura, ao mesmo tempo ampla e rigorosa, que determinou a radicalidade de sua produção intelectual e acadêmica.

Uma das frentes centrais de minha pesquisa consiste em ampliar e dar maior consistência à análise crítica e hermenêutica referente às obras de Said naquilo que, nelas, diz respeito à psicanálise. É corrente que se tome o ensaio *Freud e os não-europeus* (2004) como o momento por excelência da articulação entre Said e a psicanálise freudiana. Trata-se, de fato, de uma obra inaugural. Ali o gesto de ler Freud mostrou-se nitidamente contra a apropriação sionista e colonialista da identidade judaica, revelando, pela primeira vez — inícios —, a força subversiva do ensaio *Moisés e o monoteísmo*. Contudo, busquei mostrar como um olhar retrospectivo mais atento à arquitetura da obra de Said demonstra que a psicanálise já ocupava, muito antes, um território de importância central.

Em suma, Said possibilitou que a psicanálise freudiana se apresentasse atravessada pelas contradições e pelas feridas do colonialismo, que encontram na figura do não europeu — o estrangeiro, o exilado, o refugiado — seu operador conceitual mais fecundo. Ao acolher este Dossiê, a *Revista Exilium* concede um espaço propício para que essa geografia crítica seja percorrida sob várias perspectivas: 1) a de Andréa Guerra, com sua ideia de narcisismo das grandes indiferenças; 2) a de Aline Souza Martins, com suas análises clínicas sobre a figura do colonizado e seus traumas; 3) a de Érico Andrade e Thais Klein, que estremecem a noção de cultura; 4) a de Jéssica Kellen Rodrigues, que mostra a ferida colonial em sua dor revivida no presente; 5) a de Ana Minozzo, com a clínica psicanalítica das ruas, fora das fronteiras convencionais das instituições de psicanálise; e 6) a de Aléxia Bretas, que demonstra como o fascismo corresponde ao enrijecimento da identidade cis-heteropatriarcal branca, que exclui tudo o que lhe é estrangeiro e ameaçador.

Do inquietante à teoria como pedra: uma perspectiva pós-colonialista brasileira

If you hold a stone
Hold it in your hand
If you feel the weight
You'll never be late
To understand
(Caetano Veloso, "If you hold a stone")

Trazendo brevemente essas reflexões à realidade brasileira, vale lembrar a música *If you hold a stone*, composta por Caetano Veloso em seu período de exílio e dedicada à artista visual e terapeuta Lygia Clark. Durante um período, antes do exílio, Caetano se submeteu ao tratamento terapêutico oferecido por Clark. Sobre essa experiência, o cantor relata que ela utilizava, em suas sessões, diferentes materiais ligados às suas técnicas, como conchas, tecidos, penas, plásticos, que visavam devolver uma sensibilidade ampliada aos pacientes. Sob o efeito desses recursos ativadores do sensível, Caetano tinha ereções. Certa vez, ao revelar isso a Lygia Clark, ouviu da artista que segurasse firme uma pedra — isso lhe devolveria à realidade daquela situação terapêutica específica.

Tomada metaforicamente, essa cena indica que a excitação que leva ao Gozo psíquico, corpóreo e mental, pode petrificar o sujeito — ele perde de vista os múltiplos inícios para se concentrar apenas na vibração eufórica do prazer/desprazer e do Gozo. Talvez não tenha sido por acaso que Caetano, em seu exílio, resgatou a memória de agarrar firme uma pedra — a dor do exílio pode levar a uma excitação gozosa distraída das dores, da resistência e dos inícios verdadeiros. O estrangeiro pode se entregar ao inquietante e se deslumbrar com o "sem lugar", excitante de novidades e fugas repetitivas. Contudo, tão logo o frenesi difuso e perturbador arrefece, retorna a dor do trauma de ter sido arrancado de seu próprio lugar — o marinheiro está só, sem o amor dos seus, como Caetano Veloso: "Mas eu não sou daqui (marinheiro só)/Eu não tenho amor (marinheiro só)/Eu sou da Bahia (marinheiro só)/De São Salvador (marinheiro só)/São Salvador, São Salvador" (Veloso, 1971). A felicidade repentinamente aparece como ilusória: Eu não vim aqui (marinheiro só)/Para ser feliz (marinheiro só)/Cadê meu sol dourado? (marinheiro só)/E cadê as coisas (marinheiro só)/Do meu país?" (Veloso, 1971).

Quando Caetano se desloca da excitação, da dor e do Gozo de seu lugar de exílio, ele se despetrifica — abandona a experiência paralisante do *unheimlich* —, segura a pedra nas mãos mais uma vez e se dá conta de que é um estrangeiro sem amor e sem território. Sair do inquietante para situar-se como estrangeiro constitui um dos inícios dos processos de elaborações psíquicas, intelectuais e políticas. Said soube muito bem, como Caetano Veloso, o valor de tomar os afetos, os conflitos e as reflexões como concretude substancial de pedras. Penso que os autores deste Dossiê seguiram igualmente por esse caminho cheio de pedras, que puderam ser agarradas, mas também lançadas contra alvos opressores para que muitos inícios pudessem ser agora desdobrados.

Referências bibliográficas

Beshara, R. K. (2021). *Freud and Said: Contrapuntal psychoanalysis as liberation praxis*. Palgrave Macmillan.

Birman, J. (2004). Freud e a política, entre judaísmo e judeidade. In E. W. Said, *Freud e os não-europeus* (pp. 9–32). Boitempo.

Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos* (P. C. de Souza, Trad.; Vol. 4). Companhia das Letras.

Freud, S. (1919). *Das Unheimliche. Imago: Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften*, *5*(5–6), 297–324.

Freud, S. (2018). *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937–1939)* (P. C. de Souza, Trad.; Vol. 19). Companhia das Letras.

Rose, J. (2004). Resposta a Edward W. Said. In E. W. Said, *Freud e os não-europeus* (pp. 91–106). Boitempo.

Said, E. W. (1985). *Beginnings: Intention and method*. Columbia University Press.

Said, E. W. (2004). *Freud e os não-europeus*. Boitempo.

Said, E. W. (2005). *Representações do intelectual: As conferências de Reith de 1993*. Companhia das Letras.

Said, E. W. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.

Sheehi, S. Teoria como pedra. *Desorientalismos*. N-1 Edições. https://n-1edicoes.org/desorientalismos/teoria-como-pedra-stephen-sheehi/

Veloso, C. (1971). *If you hold a stone* [Música]. In Caetano Veloso. Philips.

DOI desta publicação: https://doi.org/10.34024/6rbr4a68.